

Indícios de estagnação na economia

GAZETA MERCANTIL

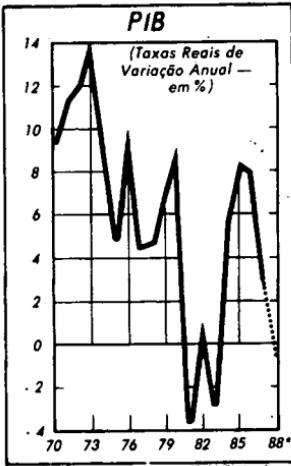
06 JUL 1988

**por Guilherme Barros
do Rio**

Os dados disponíveis até agora pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam sinais de estagnação do Produto Interno Bruto (PIB) neste ano. Embora se trate de indicações ainda preliminares, há possibilidade de se registrar uma queda na produção, um resultado que não se verifica desde a recessão do início desta década.

"Não se deve ser muito otimista em relação ao PIB", afirmou a este jornal o presidente do IBGE, Charles Mueller. Segundo ele, o desempenho da economia em 1988 será ditado principalmente pelo comportamento da indústria no segundo semestre, ainda uma incógnita.

O item de maior peso no cálculo do PIB, a produção da indústria tem oscilado muito nos últimos meses. Segundo técnicos do governo, se a indústria mostrar neste ano crescimento ou não apresentar variação em relação ao ano passado,



Fonte: Brasil Programa Econômico, FGv e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
- Previsão

será um resultado favorável diante das atuais pressões. As estimativas até agora são de queda de pelo menos 1% na produção industrial.

Da mesma forma, não se deve esperar uma contribuição expressiva do produto agropecuário. A previsão do IBGE é de um crescimento de apenas 3%, no máximo, embora existam projeções de expansão de 5% de outros órgãos do go-

verno, como o Instituto Nacional de Pesquisas Econômicas e Sociais (INPES), ligado à Secretaria do Planejamento. Apesar de seu peso no PIB ser de apenas 10%, aproximadamente, o comportamento da agricultura e da pecuária será muito importante para o resultado final, dada a hipótese de queda ou estagnação dos outros componentes, como a indústria e o setor de serviços.

A estimativa de 3% para o produto agropecuário foi feita supondo um crescimento zero para a lavoura, conforme cálculos recentes do IBGE e de uma expansão de até 4,5% na pecuária. O dado surpreendente é a lavoura, apesar da safra recorde de grãos neste ano, não apresentar crescimento.

Essa previsão explica a divergência entre as estimativas para o crescimento do produto agropecuário do IBGE e de outros órgãos, como o INPES. Nas estimativas do INPES, a agricultura cresceria 1,4% em 1988. O chefe do Departamento de Agropecuária do IBGE, Elvio Valente, explica, porém, que, apesar do recorde deste ano e os aumentos expressivos nos preços agrícolas, o cálculo do produto das lavouras é feito em termos de produção física e com base nos preços detectados pelo censo de 1980, e não a preços correntes de cada ano.

Assim, o expressivo crescimento da renda agrícola deste ano não terá reflexos diretos sobre o PIB em 1988. Caso tivesse efeitos, certamente a expansão do PIB seria muito mais expressiva. De acordo com estudo ainda não concluído pela economista do INPES, Beatriz Albuquerque, espe-

cialista no setor, a renda agrícola bruta neste ano terá um crescimento de 8,56% em comparação com 1987. Nos seus cálculos, a lucros serão tributados em 35% mais 7% para o PIB. Isso significa que os preços da terra e das estruturas devem observar que os custos de empregos hoje são de dois uncinetos, ou seja, 225 mil reais, que é o equivalente a 100 mil reais de impostos.

Indícios de ...

por Guilherme Barros
do Rio

(Continuação da 1ª página)
acha possível que o PIB se expanda em 1988 entre 0,5 e 1,2%, uma taxa, de qualquer forma, inferior à do crescimento demográfico e abaixo dos 2,9% registrados em 1987.

Essa possibilidade de expansão do PIB está intimamente ligada a um processo acentuado de reversão da queda na indústria, que faria com que esse setor apresentasse neste ano crescimento de 1%. Até o momento, porém, os dados indicam queda na indústria, tanto que a Confederação Nacional da Indústria (CNI) está prevendo diminuição de produção de 1,19%, e o INPEs estima decréscimo de 2,1%.

Alguns economistas começam a acreditar que essas previsões pessimistas para a indústria poderão

não se confirmar. Eles se baseiam, entre outros fatos, no comportamento de alguns setores puxados pela exportação, nos efeitos indiretos da renda agrícola sobre a atividade econômica, na estabilização da inflação e nos reflexos positivos do fechamento do acordo de negociação da dívida externa brasileira. Por essas razões, o presidente do BGE ressalta que a indústria no segundo semestre será o fator de definição do PIB.

Um dos técnicos responsáveis pelo acompanhamento conjuntural da economia no INPES, Ricardo Markwald, acha que o mais sensato é estimar o comportamento do PIB para este ano entre uma queda de 1,5% e um crescimento de até 1,5%, o que configura, em última análise, uma previsão de estagnação da economia.